



Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I  
Bacharelado em Turismo e Hotelaria – Campus I

Jaiza Costa Azevedo Fernandes  
Lais Apompló de Oliveira

**ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA ITAIPAVA  
ARENA FONTE NOVA EM SALVADOR/BA**

Salvador

2019

Jaiza Costa Azevedo Fernandes

Lais Apompló de Oliveira

**ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA ITAIPAVA  
ARENA FONTE NOVA EM SALVADOR/BA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharelado em Turismo e Hotelaria.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Carmen Lúcia Castro Lima

Salvador

2019

Jaiza Costa Azevedo Fernandes

Lais Apompló de Oliveira

**ACESSIBILIDADE PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA ITAIPAVA  
ARENA FONTE NOVA EM SALVADOR/BA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharelado em Turismo e Hotelaria.

**BANCA EXAMINADORA**

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

---

Profa. Dra. Carmen Lúcia Castro Lima  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

---

Prof. Dr. José Veiga Viñal Junior  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

---

Profa. Me. Salete Vieira  
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Salvador

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Somos gratas primeiramente a Deus, que permitiu a realização deste trabalho e tudo que nele foi feito. E agradecemos a Deus pela vida de todos que nos ajudaram como a professora Carmen Lúcia Castro Lima que se dispôs a ser nossa orientadora, nos auxiliando em nossas dúvidas e ensinando questões pertinentes a elaboração dessa pesquisa. Obrigada ao professor José Veiga Viñal Júnior por ser nosso coorientador tendo toda paciência e cuidado em sanar nossas dúvidas e preocupações, não medindo esforços para facilitar sempre o nosso entendimento. Agradecemos também a professora Salete Vieira que teve um papel importante na escolha do estudo de caso desse trabalho, sempre nos aconselhando e instruindo os caminhos que devíamos seguir. Obrigada a todos os amigos e familiares que ajudaram nas dicas e tantas outras formas. Que Deus abençoe a todos grandiosamente.

## RESUMO

A acessibilidade é um assunto bastante discutido atualmente pela sociedade. No entanto, pessoas com deficiência, especificamente deficiência visual, encontram diversos obstáculos na visitação de monumentos e/ou nas instalações de equipamentos culturais, por falta de acessibilidade e adaptações apropriadas. A presente pesquisa tem como tema 'Acessibilidade para deficientes visuais na Itaipava Arena Fonte Nova em Salvador/Ba'. Possui como objetivo caracterizar a acessibilidade para deficientes visuais na Arena Fonte Nova. Por ser um equipamento cultural bastante utilizado na cidade de Salvador e totalmente adequado para esta pesquisa, sendo o ponto de partida para despertar o interesse na elaboração de novas pesquisas e pode tornar-se sugestivo para melhorias de equipamentos culturais no que se referem ao atendimento as pessoas com deficiência visual. O método utilizado baseou-se em pesquisa básica, bibliográfica, documental, estudo de caso, qualitativa, descritiva, exploratória e dedutiva. Como principal conclusão, a pesquisa identificou que a Itaipava Arena Fonte Nova se encontra parcialmente acessível para os deficientes visuais, carecendo de pequenas adequações.

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Itaipava Arena Fonte Nova. Equipamento Cultural. Deficiência Visual.

## **ABSTRACT**

Accessibility is a topic that is widely discussed by society today. However, people with disabilities, specifically visually impaired, find several obstacles when they visit monuments and / or in cultural equipment installations, for lack of accessibility and appropriate adaptations. This research has as its theme 'Accessibility for the visually impaired at Itaipava Arena Fonte Nova in Salvador / Ba'. It aims to characterize accessibility for the visually impaired at the Arena Fonte Nova. As it is a widely used cultural equipment in the Salvador city and totally appropriate for this research, being the starting point to arouse the interest in the elaboration of new researches and it can become suggestive for improvements of cultural equipment regarding service to visually impaired people. The methodology used was based on basic, bibliographic, and documentary, study case, qualitative, descriptive, exploratory and deductive research. Beyond that, the research has shown that Itaipava Arena Fonte Nova is partially accessible for the visually impaired, requiring minor adjustments.

**Keywords:** Accessibility. Itaipava Arena Fonte Nova. Cultural Equipment. Visual impairment.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Símbolo Internacional para Pessoas com Deficiência Visual.....	24
<b>Figura 2</b> Alfabeto em Braille.....	25
<b>Figura 3</b> Mapa da Itaipava Arena Fonte Nova.....	26
<b>Figura 4</b> Estrutura da Arena Fonte Nova .....	28
<b>Figura 5</b> Lanchonetes da Arena Fonte Nova.....	31
<b>Figura 6</b> Portaria da Arena Fonte Nova.....	32
<b>Figura 7</b> Piso tátil da arquibancada.....	32

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>9</b>
<b>3 REFERENCIAL CONCEITUAL .....</b>	<b>1</b>
3.1 ACESSIBILIDADE.....	4
3.2 REFLEXÕES SOBRE TURISMO CULTURAL, EQUIPAMENTO CULTURAL E DEFICIÊNCIA .....	6
<b>4 LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE ACESSIBILIDADE PARA DEFICIENTES VISUAIS E ALGUMAS NORMAS DA ABNT.....</b>	<b>11</b>
4.1 LEIS E NORMAS .....	140
4.2 SÍMBOLO INTERNACIONAL.....	143
4.3 LÍNGUA.....	1
<b>5 DESCRIÇÃO DA ITAIPAVA ARENA FONTE NOVA.....</b>	<b>26</b>
5.1 ESTRUTURA DA ITAIPAVA ARENA FONTE NOVA.....	28
<b>6 IMPRESSÕES ACERCA DA ACESSIBILIDADE NA ARENA FONTE NOVA.....</b>	<b>30</b>
6.1 PERCEPÇÕES DAS PESQUISADORAS A RESPEITO DA ACESSIBILIDADE NA ARENA FONTE NOVA .....	30
6.2 PERCEPÇÕES DOS DEFICIENTES VISUAIS A RESPEITO DA ACESSIBILIDADE NA ARENA FONTE NOVA .....	34
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>42</b>
<b>APÊNDICE A - FOTOS.....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE B - ENTREVISTA .....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a temática sobre acessibilidade está sendo bastante discutida pela sociedade que encontra nesse campo uma forma lucrativa ou a tem como uma forma de conscientização para tornar-se um mundo mais inclusivo. Verifica-se que está sendo feito concretamente a inclusão de pessoas com deficiência, porém não é o suficiente para suprir a demanda. Pois mesmo com a modernização da sociedade, as pessoas com deficiência, mais precisamente os visuais que são o enfoque deste trabalho, ainda enfrentam dificuldades no seu dia a dia, principalmente no que diz respeito ao turismo.

E para que essas pessoas tenham a mesma oportunidade de inclusão, o poder público e privado tem por obrigação oferecer serviços de qualidade, de modo a reduzir e eliminar todas as barreiras arquitetônicas, urbanísticas e sociais. O artigo 27 da Declaração Universal dos Direitos Humanos determina que “toda pessoa tem o direito de participar livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de todos os benefícios que dele resultem” (REIS, 2015, p. 12). Isto é, as pessoas com deficiência visual constituem um grande público que não pode ser impossibilitado de usufruir de lazer, saúde, cultura e educação por causa da sua deficiência.

Nesse contexto, cabe ressaltar que o termo ‘pessoas com deficiência’ foi adotado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo ONU (1990 *apud* SILVA, 2006) diz que: até a década de 1980, a sociedade utilizava termos como ‘aleijado’, ‘defeituoso’, ‘incapacitado’, ‘inválido’. Já por volta da metade da década de 1990, a terminologia utilizada passou a ser ‘pessoas com deficiência’, que permanece até hoje. Pois ressalta-se a pessoa à frente da sua deficiência, e valoriza-se a pessoa acima de tudo.

Sendo fundamental essa interação para o desempenho das suas atividades, inclusive o de consumidores, pois é uma parte da sociedade que tem interesse em consumir, mas não encontra muita oferta adaptada de maneira apropriada. E oferta de produtos adaptados às suas necessidades estará inclusa no lazer turístico de pessoas com deficiência. Os projetos acerca da acessibilidade, em geral não garantem o acesso que promova o bem-estar das pessoas com deficiência.

Tendo como parâmetro técnico para construção dessas edificações a NBR 9050 editada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

Partindo desse pressuposto, o motivo que levou a escolha desse tema, foi a disciplina de meios de transporte onde foram elaboradas pesquisas sobre a acessibilidade. Com isso, foi escolhido como foco pessoas com deficiência visual por ser um público que carece de atividade turística que tenha adaptações específicas a essa deficiência, dessa forma, espera-se trabalho sirva como referencial.

Para esta pesquisa, foi escolhida a acessibilidade em uma arena multiuso por ter um caráter turístico, analisando suas barreiras arquitetônicas e adequações, tendo como objetivo principal caracterizar a acessibilidade para deficientes visuais na Itaipava Arena Fonte Nova em Salvador/Bahia, localizado na Ladeira da Fonte das Pedras, Nazaré.

A acessibilidade para deficientes visuais em um local público-privado, como a Itaipava Arena Fonte Nova, será o ponto de partida dessa investigação, por ser um local onde ocorre grande eventos turísticos. Sendo que não consta um trabalho acadêmico que analise esse aspecto no objeto de estudo, tendo informações inéditas sobre o ponto de vista dos próprios entrevistados que nos passam a ‘visão’ de acessibilidade de forma mais tocante.

Esta monografia está dividida em sete capítulos. Além dessa introdução, dita como primeiro capítulo que justifica o trabalho, temos o segundo capítulo que explica a metodologia abordada. Já o terceiro capítulo se refere a fundamentação teórica sobre a acessibilidade, turismo cultural, equipamento cultural e deficiência, mais precisamente a deficiência visual que é o sujeito deste trabalho.

O quarto capítulo são apresentadas normas e leis sobre acessibilidade, o quinto é a descrição da Itaipava Arena Fonte Nova e a sua estrutura, em parte, descrita pela funcionária da Arena Fonte Nova. O sexto capítulo são as principais observações in loco sobre acessibilidade na Itaipava Arena Fonte Nova e as percepções dos deficientes visuais entrevistados acerca da Fonte Nova, o sétimo capítulo são as considerações finais e por fim, as referências utilizadas e os apêndices.

## 2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Com relação à metodologia, o método utilizado foi o dedutivo, pois “se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 220).

O método aplicado neste trabalho, descreve a pesquisa no ponto de vista de sua natureza como básica, pois “procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas” (GIL, 1999, p.42). Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, essa pesquisa é bibliográfica, por abranger toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, material e etc., até meios de comunicação orais e audiovisuais: filmes e televisão (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.183).

Também é a pesquisa documental, que “vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p.45). E do ponto de vista dos procedimentos técnicos é estudo de caso, por ser a “pesquisa que se concentra no estudo de um caso particular, considerado representativo de um conjunto de casos análogos, por ele significativamente representativo” (SEVERINO, 2007, p.121). Assim, escolhemos a Arena Itaipava Fonte Nova como local de estudo para analisar a acessibilidade para deficientes visuais, que é o estudo de caso.

Do ponto de vista da forma de abordagem ao problema é a pesquisa qualitativa, que “pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos” (RICHARDSON, 2007, p.90). Desse modo, na metodologia a ser utilizada, se faz necessário a coleta de dados sobre as motivações de um grupo mais subjetivos, buscando compreender e interpretar determinados comportamentos, opiniões, expectativas, sentimentos, percepções, entre outros aspectos imateriais. Sendo utilizada para a coleta dos dados, entrevistas, fotografia, análise de documentos como leis, regulamentos, decretos, regras e normas técnicas e elaboração de relatório através da observação de campo.

No que se refere aos objetivos pode-se dizer que esta pesquisa é descritiva, pois “quando se diz que uma pesquisa é descritiva, se está querendo dizer que se limita a uma descrição pura e simples de cada uma das variáveis, isoladamente, sem

que sua associação ou interação com as demais sejam examinadas” (CASTRO, 1976, p. 66).

Também é exploratória, pois envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, com o intuito de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (GIL, 1999, p. 43).

E como outros elementos de trabalho científico a serem utilizados nesta pesquisa é de trabalho de campo por meio da observação de campo, pois “a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.190).

Sendo assim, para obtenção dessa coleta de dados foram efetuadas diversas tentativas de contato com Arena Fonte Nova através de e-mail e por telefone desde o mês de julho de 2019. Inicialmente, não foi obtido sucesso, pois os e-mails não foram respondidos (mesmo havendo a confirmação do recebimento pelo telefone) e no contato pelo telefone foi pedido para aguardar uma resposta do setor responsável. Nessas tentativas foi solicitado a Arena que pudessem autorizar uma visita para observar questões relacionadas a acessibilidade para deficientes visuais e se teriam alguém que pudesse dispor de tempo para compartilhar informações sobre a Arena Fonte Nova, mas mediante essa solicitação não houve resposta.

Até que, por meio de informações encontradas no próprio site da Arena Fonte Nova, estava a divulgação do *tour* na Fonte, onde é comprado um ingresso R\$40,00 (inteira) e R\$20,00 (meia-entrada), para saber mais detalhes sobre o *tour* na Fonte, foi encaminhado um e-mail para a Arena, no qual prontamente foi respondido com informações sobre horários, valores e o todo processo necessário para essa visitação.

Com isso, a visitação para obtenção dos dados sobre a Arena Fonte Nova ocorreu em dezembro de 2019, através do *tour* na Fonte, guiado por uma funcionária. Por não ser não ser uma visita exclusivamente para a composição dessa pesquisa, havia outras pessoas que participavam da visitação. Antes de iniciar a visita foi

conversado com a funcionária que fez o guiamento, o intuito dessa visita e o objetivo dessa pesquisa, a mesma se dispôs a sanar as dúvidas que surgissem e ajudar no que fosse possível.

A mesma não autorizou a utilização de gravador, mas permitiu o registro das imagens dos ambientes visitados e a anotação de tudo que foi relatado. O *tour* foi projetado para fãs, pois a maior parte do seu trajeto é em ambientes internos, onde os torcedores não têm acesso, como vestiários, salas de reuniões, sala de imprensa e até mesmo ao gramado. Ao final da visita, a funcionária anotou os contatos das pesquisadoras com o intuito de dar um retorno sobre a solicitação feita referente pessoas que pudessem ser entrevistadas, mas nunca houve retorno.

Além do contato com a Itaipava Arena Fonte Nova, foram realizadas entrevistas com dois torcedores Marcelo Moita e Tiago Nascimento, ambos são frequentadores da Arena Fonte Nova e possuem deficiência visual, por questão de tempo e disponibilidade foi utilizado o aplicativo *WhatsApp* como ferramenta para as entrevistas por meio de áudio e escrita.

Portanto, a pesquisa segue com base no que foi observado por intermédio do *tour* na Fonte, nos documentos pesquisados e nas experiências dos entrevistados. Que traz a necessidade de se estabelecer uma boa fundamentação teórica para que haja o entendimento sobre as questões a serem trabalhadas no decorrer desta pesquisa e para que quaisquer dúvidas sejam sanadas.

### 3 REFERENCIAL CONCEITUAL

É preciso estabelecer uma base conceitual para obter um bom resultado que se encaixe no âmbito e expectativa do objetivo do trabalho. As fundamentações teóricas apresentadas servem para o desenvolvimento desta monografia e para esclarecer aos leitores os conceitos que facilitarão a compreensão da pesquisa.

Sendo assim, o primeiro tópico conceitual trata sobre acessibilidade, em que explica sua definição e relevância para os deficientes. O segundo tópico aborda o conceito de turismo cultural, equipamento cultural, deficiência em diferentes tipologias.

#### 3.1 ACESSIBILIDADE

Acessibilidade é um termo bastante comum atualmente para tratar da necessidade de ampliação do acesso das pessoas com deficiência. Porém, a palavra acessibilidade é um conceito moderno utilizado para abordar o tema da deficiência e das restrições à locomoção. Derivada do latim *accessibilitate*, essa palavra é utilizada para qualificar o que se pode chegar facilmente ou ainda, o que fica ao alcance (BRASIL, 2006).

Apesar disso, a acessibilidade não se restringe aos aspectos que abrangem barreiras físicas ou arquitetônicas, é preciso executar em outros cenários, tais como: algumas práticas turísticas que ainda não permitem que toda população seja beneficiada para desfrutar desses momentos de lazer. Cujas pessoas com deficiência, fazem parte de uma parcela da sociedade que se torna excluída socialmente no que se refere ao turismo, pois encontram dificuldades para se adaptarem às instalações e equipamentos nas edificações turísticas e espaços de lazer, ao mesmo tempo em que encontram prestadores de serviços sem qualificações específicas para um atendimento especializado.

Mas o desrespeito com as pessoas deficientes vem de um processo histórico. Na década de 50, com a prática da reintegração de adultos reabilitados, ocorrida na própria família, no mercado de trabalho e na comunidade em geral, profissionais de reabilitação constatavam que essa prática era dificultada e até impedida pela existência de barreiras arquitetônicas nos espaços urbanos, nos edifícios e residências e nos meios de transporte coletivo. Surgia, assim, a fase da integração, que

duraria cerca de 40 anos até ser substituída gradativamente pela fase da inclusão (SASSAKI, 2005 *apud* LIMA, 2014).

Na década de 60, algumas universidades iniciaram as primeiras experiências de eliminação de barreiras arquitetônicas existentes em seus recintos: áreas externas, estacionamentos, salas de aula, laboratórios, bibliotecas, lanchonetes etc. Na década de 70, graças ao surgimento do primeiro centro de vida independente do mundo, aumentaram a preocupação e os debates sobre a eliminação de barreiras arquitetônicas, bem como a operacionalização das soluções idealizadas.

Na década de 80, impulsionado pela pressão do ano internacional das pessoas deficientes (1981), o segmento de pessoas com deficiência desenvolveu verdadeiras campanhas em âmbito mundial para alertar a sociedade a respeito das barreiras arquitetônicas e exigir não apenas a eliminação delas (desenho adaptável) como também a não inserção de barreiras já nos projetos arquitetônicos (desenho acessível).

Na década de 90, começou a ficar cada vez mais claro que a acessibilidade deveria seguir o paradigma do desenho universal, segundo o qual os ambientes, os meios de transporte e os utensílios fossem projetados para todos e, portanto, não apenas para pessoas com deficiência (SASSAKI, 2005 *apud* LIMA, 2014). Mesmo com esses avanços é notório que ainda são grandes os desafios e precárias perante tamanha demanda.

Diante desta realidade, no dia 2 de junho de 2004, foi lançado o Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana, que tem o objetivo de incluir uma nova visão no processo de construção das cidades que considere o acesso universal ao espaço público por todas as pessoas e suas diferentes necessidades.

O programa é constituído de ações e instrumentos que visam estimular e apoiar os governos municipais e estaduais a desenvolver ações que garantam a acessibilidade para pessoas com restrição de mobilidade e deficiência aos sistemas de transportes, equipamentos urbanos e a circulação em áreas públicas, (BRASIL, 2006).

No entanto, tornar uma cidade acessível seria um trabalho de longo prazo, porque teria que ser feita uma reeducação na sociedade e muitas ações governamentais para que a acessibilidade fizesse parte da consciência de todos. Com a sociedade em constante mudança, isso demandaria esforço e tempo, mas não seria algo distante da realidade, sendo um ensino e aprendizado constantes até que fossem

removidos grande parte dos obstáculos.

Porque a falta de acessibilidade é a ligação para o preconceito, pois pessoas com deficiência são tratadas como inválidas, sendo excluídas da sociedade, e a acessibilidade que pode ser elucidada como: “condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida” (BRASIL, 2009, p. 18).

Sendo definida também como a “possibilidade e condição de alcance pela pessoa portadora de deficiência para utilização com segurança e, quando aplicável, com autonomia, de espaços aeroportuários e aeronaves” (ABNT, 1999, n.p).

Em ambos os conceitos, podem ser observados que a segurança, autonomia e a facilidade de acesso a equipamentos e a comunicação são a base da acessibilidade, são os princípios essenciais para que um local seja acessível a todos, pois é significativo o número de equipamentos culturais em Salvador, sendo um incremento para o turismo cultural, pois acessibilidade está originalmente relacionado ao turismo.

Já que a acessibilidade está ligada ao turismo, a acessibilidade no turismo cultural é muito importante para que a população tenha o conhecimento da cultura de um determinado local e possa ter acesso a cultura, daí se traz a necessidade de um equipamento cultural adaptado as pessoas com deficiência, para isso é necessário estudar as deficiências e suas reais necessidades. Sendo de extrema importância o entendimento de cada aspecto envolvido nesse processo.

### 3.2 REFLEXÕES SOBRE TURISMO CULTURAL, EQUIPAMENTO CULTURAL E DEFICIÊNCIA

O turismo cultural está diretamente ligado ao equipamento cultural, pois ele “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2010, p.15). Basicamente, o equipamento cultural é um dos locais onde se exerce o turismo cultural.

A OMT e a *European Travel Commission* (2005, n.p) definem o turismo cultural como “[...] o movimento de pessoas para as atrações culturais em cidades de países

diferentes do seu local de residência habitual, com a intenção de obter novas informações e experiências ou para satisfazer as suas necessidades culturais”. Ou seja, o equipamento cultural torna-se um atrativo em uma cidade para os turistas com motivações culturais.

Barretto (1998), descreve o turismo cultural, no sentido mais amplo, sendo aquele que não tem como atrativo principal um recurso natural. As coisas feitas pelo homem constituem a oferta cultural, portanto turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem. Sendo assim, o turismo cultural compreende as ações humanas através do conhecimento e experiência vivenciados através das viagens, além de completar a cultura enquanto produto e na criação de atrativos turísticos, exemplo disso são as arenas multiuso.

Normalmente, locais que buscam se tornar acessíveis, utilizam métodos que atendam as pessoas com deficiência, o que não proporciona autonomia de fato, por ser muitas vezes, precário, sem estrutura e planejamento devido, o que ao invés de ajudar pode atrapalhar mais ainda o deficiente, fazendo que o mesmo se sinta inseguro. Por esse motivo que os equipamentos culturais devem estar por dentro das normas, leis, regulamentos referentes à acessibilidade para que possam agregar todo o público e garantir a autonomia, segurança e facilidade esperada.

Coelho (1997), refere-se o termo equipamento cultural como: a ‘edificações destinadas a práticas culturais’, ou seja, essa definição engloba qualquer organização cultural de diversas tipologias, como algumas que já foram citadas, cinema, museus, galerias, servindo como sinônimo para termos como, casa cultural, espaço cultural, conjunto cultural, centro de cultura, e até mesmo, a complexo cultural que é o objeto de estudo dessa pesquisa.

O autor ainda acrescenta que equipamentos culturais “são tanto edificações destinadas a práticas culturais (teatro, cinemas, bibliotecas, centro de cultura, filmotecas, museus) quanto grupos de produtores culturais abrigados ou não, fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis, etc.)” (COELHO, 1997, p. 546).

Ou seja, o equipamento cultural é muito mais do que somente a denominação como um espaço cultural, é necessário que ocorra práticas culturais em determinada edificação, ainda que os produtores de tal prática não sejam ‘residentes’, fixos. Levando a entender que a definição de equipamento cultural é caracterizada pela essência da prática cultural no equipamento.

Além disso, os equipamentos culturais têm que promover a acessibilidade para as pessoas com deficiência, tornando o local plenamente acessível, pois todos têm o direito de usufruir dos produtos e serviços que são ofertados. No entanto, dentro desse universo é necessário compreender o conceito de deficiência que está em constante evolução.

No entanto, são consideradas deficientes, as pessoas “que apresentam, em caráter permanente, perdas ou anomalias de sua estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, que gerem incapacidade para o desempenho de atividades, dentro do padrão considerado normal para o ser humano” (BRASIL, 2009, p. 16). Ou ainda, segundo o Ministério da Justiça como “aquela que possui limitação ou incapacidade para o desempenho de algum tipo de atividade” (BRASIL, 2009, p. 16).

Existe uma variedade de deficiências, o que de certa forma, dificulta ainda mais o exercício da acessibilidade, por gerar custos altíssimos adaptar e estruturar toda uma cidade para atender as necessidades de toda a população, é também, por esse motivo que se atende mais a necessidade de uma deficiência do que a outra.

A Secretaria de Mobilidade de Salvador [2008?], diz que as deficiências podem ser divididas em cinco grandes grupos que são: deficiência física, mental, sensorial, orgânica e múltipla. Na deficiência sensorial está a limitação relacionada à visão, audição e fala. Já a múltipla é assim considerada quando há a presença de dois ou mais tipos de deficiências associadas.

O IBGE (2010), diz que quase 46 milhões dos brasileiros, cerca de 24% da população, declarou ter algum tipo de deficiência, sendo que a deficiência visual estava presente em 3,4% da população brasileira, a deficiência motora em 2,3%, deficiência auditiva em 1,1%, e a deficiência mental/intelectual em 1,4%. A pesquisa ainda diz que a região Nordeste apresenta o maior percentual de pessoas com deficiência.

No Decreto nº 5296/04, regulamenta as Leis 10.048 E 10.098/2000 explica que: deficiência física é a alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física. Já a deficiência auditiva é perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

Deficiência mental é a perda do funcionamento intelectual significativamente inferior à média, com manifestação antes dos dezoito anos e limitações associadas a

duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, e por fim, a deficiência visual que pode ser cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60o; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (BATTISTELLA, 2011).

A deficiência visual é a mais trabalhosa de todas, pois no mundo multissensorial em que vivemos, o sentido da visão ainda é essencial pela grande maioria das pessoas. Porém, devemos aceitar as diferenças individuais e valorizar cada ser humano. O Ministério da Educação (2000), diz que os graus de visão abrangem um amplo espectro de possibilidades: desde a cegueira total, até a visão perfeita, também total.

A expressão 'deficiência visual' se refere ao espectro que vai da cegueira até a visão subnormal. Chama-se visão subnormal (ou baixa visão, como preferem alguns especialistas) à alteração da capacidade funcional decorrente de fatores como rebaixamento significativo da acuidade visual, redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitação de outras capacidades.

Já a cegueira é entendida como a perda total da visão, até a ausência da percepção da luz. Ela pode ocorrer desde o nascimento e, nesse caso, se classifica como congênita e ainda pode ser adquirida ao longo da vida da pessoa – sendo, dessa forma, denominada como adquirida (AMIRALIAN, 1997 *apud* TORRES, 2015). A deficiência visual, que é pouco lembrada quando se refere à acessibilidade, é uma deficiência que necessita bastante da utilização sonora e tátil para que o deficiente possa ter autonomia.

A pessoa com deficiência visual pode utilizar o cão-guia nas suas atividades diárias, e tem o direito de ingressar e permanecer com o animal em todos os locais públicos ou privados de uso coletivo, exceto em algumas áreas das unidades de saúde e nos locais que são obrigatória esterilização individual, assim como está escrito no Decreto nº 5904/06. Também é direito do deficiente visual ter acesso às informações em Braille, que é o sistema de escrita em relevo. Ao abordar uma pessoa com deficiência visual, use volume normal de voz, até porque cego não tem deficiência auditiva.

E lembre-se que a falta de visão não significa incapacidade, que ainda é um estigma pela sociedade preconceituosa. A pessoa com deficiência visual pode e deve se desenvolver, e para que haja esse desenvolvimento é preciso a compreensão da sociedade e oferecer ferramentas necessárias.

Além disso, é preciso reeducar a população, incluir cultura inclusiva nas escolas, igualar as oportunidades diante o mercado de trabalho e leis que garantam a acessibilidade dos deficientes visuais. Para dar eficácia aos direitos dos deficientes visuais, foram sancionadas algumas normas e leis.

## **4 LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE ACESSIBILIDADE PARA DEFICIENTES VISUAIS E ALGUMAS NORMAS DA ABNT**

Existem muitas leis que tratam da acessibilidade. Essas leis foram instituídas no intuito de gerar a inclusão social mediante uma sociedade cheias de exclusões. Exclusões que muitas vezes são feitas de maneira mais natural do que intencional. Não basta que as leis sejam estabelecidas, elas devem ser conhecidas por toda a sociedade e o cumprimento das leis devem ser fiscalizados por parte dos governantes.

### **4.1 LEIS E NORMAS**

A Presidência da República lançou em 6 de julho de 2015 a Lei de N° 13.146. O título III da acessibilidade, capítulo I disposições gerais, diz que: Art. 53. A acessibilidade é direito que garante à pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida viver de forma independente e exercer seus direitos de cidadania e de participação social.

Conforme a lei citada, a acessibilidade gera autonomia e essa lei descreve tudo o que é necessário para promover essa acessibilidade, como os quesitos que devem compor a aprovação de projetos arquitetônicos, fabricação de veículo coletivo, prestação de serviços, implantação de projetos etc.

No primeiro inciso começa uma abordagem sobre o desenho universal onde menciona que o desenho universal será sempre tomado como regra de caráter geral. O desenho universal basicamente é um modelo projetado para que tudo em um determinado espaço atenda a todas as pessoas da mesma maneira, sem diferenças e com total facilidade de utilização, possuindo ou não, alguma deficiência. Ou seja, um projeto que não necessite adaptações, pois será projetado para todos igualmente sem distinções.

Sendo assim, os incisos seguintes desta lei continuam investindo desenho universal como modelo a ser utilizado em empreendimentos, programas, projetos, conteúdos temáticos promovidos pelo poder público, sendo que existe a possibilidade da execução de apenas uma adaptação razoável nas hipóteses em que se comprove a impossibilidade da utilização do desenho universal. Esta lei garante que desde a etapa de concepção, as políticas públicas devem considerar a adoção do desenho universal.

E para aprovação de um determinado projeto é necessário que se ateste o atendimento as regras de acessibilidade. Após esse procedimento, o poder público deve determinar a colocação do símbolo internacional de acesso, como previsto na legislação e em normas técnicas correlatas. E as edificações já existentes de uso coletivo, sendo edificações públicas ou privadas devem garantir acessibilidade em todas as suas dependências e serviços, seguindo as referências das normas de acessibilidade vigentes.

É interessante saber, que no artigo 59 desta lei, o poder público e as empresas concessionárias responsáveis pela execução de qualquer intervenção nas vias e nos espaços públicos, devem garantir, de maneira segura, a fluidez do trânsito e a livre circulação e acessibilidade das pessoas, durante e após a execução das obras.

Mas, isso é algo distante da realidade, normalmente as obras e intervenções causam o efeito contrário do que está disposto na lei, acabam gerando caos no trânsito com engarrafamentos e dificultam a circulação das pessoas durante a execução das obras ou serviços e a lei se cumpre quando as obras são finalizadas.

As seguintes leis foram instituídas para facilitar o acesso das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. Existe uma lei que torna obrigatória a colocação do Símbolo Internacional de Acesso em todos os locais e serviços que permitam sua utilização por pessoas com deficiência e dá outras providências, é a lei n.º 7.405, de 12 de novembro de 1985. Basicamente, essa lei descreve tudo que uma edificação precisa oferecer para que possa ter a obrigatoriedade do uso deste símbolo.

Algumas dessas especificações são: possuir condições de acesso de forma natural ou por meio de rampa, portas com largura de no mínimo 90 cm, corredores e passagens com no mínimo 120 cm, porta de elevador com largura de no mínimo 100 cm e dimensões internas mínimas de 120 cm x 150 cm, vagas de estacionamento com largura de no mínimo 3,66 m, banheiro compatível ao uso das pessoas com deficiência e etc.

Esta lei destaca os locais que devem possuir este símbolo, exemplos a serem dados, são os prédios onde funcionem órgãos ou entidades públicas, sede de Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, hospitais, clínicas, bibliotecas, restaurantes, supermercados, hotéis, estabelecimentos bancários, sindicatos, tribunais federais, cartórios, igrejas, edifícios comerciais, residências ou de escritórios, auditórios para convenções, congressos e conferências, edificações destinadas ao lazer, tais como,

os estádios, cinemas, clubes, teatros e parques recreativos e dentre outros de interesse comunitário.

E na lei n.º 8.899, de 29 de junho de 1994 fica garantido o passe livre às pessoas com deficiência no sistema de transporte coletivo interestadual. A Lei 7.853, de 24 de outubro de 1989, regulamentada pelo Decreto 3.298, de 20/12/1999, mediante o qual foi instituída a atual Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Essa lei estabelece normas gerais que asseguram o exercício dos direitos das pessoas com deficiência e sua integração social. Esta lei estabelece que haja igualdade de tratamento e oportunidade para as pessoas com deficiência.

E detalha a responsabilidade do poder público de garantir o cumprimento desta lei com inclusões na área da educação, saúde, área de formação profissional e do trabalho, na área dos recursos humanos e nas edificações. Garantindo que as pessoas com deficiência possam ser inseridas em qualquer área e estar em qualquer ambiente sem nenhuma distinção.

Para benefícios das pessoas com deficiência visual foi instituída a Lei n.º 4.169, de 4 de dezembro de 1962 que oficializa as convenções Braille para uso na escrita e leitura dos cegos e o Código de Contrações e Abreviaturas Braille, sendo proposto inserção gradativa do uso do braille, onde o Ministro da Educação e cultura ficou como responsável por essa promoção, tendo portanto, ligação direta ao Instituto Benjamin Constant (IBC) que é um órgão singular de autonomia administrativa limitada, este órgão promove cursos, pesquisa, realiza estudos, produz material especializado, tudo voltado para a educação inclusiva para pessoas com deficiência visual.

Tem também a lei n.º 11.126, de 27 de junho de 2005 que dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhada de cão-guia. Essa lei informa que pode ser qualquer estabelecimento, sendo que a restringe-se a cegueira e baixa visão para o cumprimento devido desta lei. Se houve o impedimento da entrada do cão-guia em qualquer estabelecimento ou empresa de transporte, o estabelecimento penalizado com interdição e multa.

As normas brasileiras de acessibilidade, conhecidas como NBR, assim como as leis que foram citadas anteriormente, descrevem todas as especificações que devem ser desenvolvidas para que exista a acessibilidade. As NBR's são bem mais específicas e descreve nos documentos as especificações segundo a necessidade de

cada deficiência. As NBR's são basicamente instrumentos utilizado para a instrução. Segue algumas das NBR's de acessibilidade.

NBR 9050 que detalha a acessibilidade em edificações mobiliárias, espaços e equipamentos urbanos, NBR 13994 que se refere aos elevadores para transporte de pessoas com deficiência, NBR 15290 trata da acessibilidade em comunicação na televisão e NBR 16001 que aborda sobre a responsabilidade social.

Estas NBR's a seguir serão direcionadas a acessibilidade no transporte como a NBR 14020 com a acessibilidade em trem de longo percurso, a NBR 14021 que trata da acessibilidade no sistema de trem urbano ou metropolitano, NBR 14022 com a acessibilidade em ônibus e trólebus para atendimento urbano e intermunicipal.

Tem a NBR 14273 que instrui a acessibilidade no transporte aéreo comercial, NBR 15320:2005 que aborda acessibilidade no transporte rodoviário, NBR 15450:2006 que instrui a acessibilidade no sistema aquaviário, a NBR 15570 trata das especificações técnicas para a fabricação de veículos de características urbanas para transporte coletivo de passageiros, entre outras direcionadas para acessibilidade no transporte.

Todas as NBR podem dar instruções importantes para a composição desta pesquisa, mas a NBR que mais se enquadra no tema proposto é a NBR 9050, por conter informações específicas que auxiliam para acessibilidade a pessoas com deficiência visual. Pode-se encontrar a descrição do símbolo internacional de pessoa com deficiência visual, sinalização tátil, com as medidas específicas para o piso tátil e das figuras em alto-relevo em locais específicos para a sinalização, o braille, entre outras.

## 4.2 SÍMBOLO INTERNACIONAL

Dessa forma, a NBR 9050 pode ser utilizada como base para a construção de edificações, equipamentos culturais, arenas e espaços público/privado. Sendo recomendável a identificação de elementos acessíveis e utilizáveis por pessoas com deficiência visual. Deve-se fazer uso da sinalização de acessibilidade por meio do símbolo Internacional de acesso para pessoas com deficiência visual, indicando a existência de equipamentos e serviços para os deficientes visuais, além da utilização do sistema em braille.

Figura 1 – Símbolo Internacional de Pessoa com Deficiência Visual



Fonte: ABNT NBR 9050

#### 4.3 LÍNGUA

O braile é fundamental para a comunicação dos deficientes visuais, pois ajuda na sua leitura e na escrita. O Sistema Braille utilizado universalmente, foi inventado na França por Louis Braille, um jovem cego, no ano de 1825. Diante das dificuldades enfrentadas por Louis Braille em seus estudos o levaram desde cedo, a preocupar-se com a possibilidade de criação de um sistema de escrita para cego. Para isso, ele contou com a ajuda de outras pessoas como Charles Barbier de La Serre, oficial do exército francês criador de um sistema de sinais em relevo denominado sonografia ou código militar.

A significação tátil dos pontos em relevo do invento de Barbier foi à base para a criação do Sistema Braille, que ficou pronto em 1824, quando tinha apenas 15 anos de idade, aplicável tanto na leitura como na escrita por pessoas cegas e cuja estrutura diverge fundamentalmente do processo que inspirou seu inventor. O sistema Braille, onde 63 combinações representavam todas as letras do alfabeto, além de acentuações, pontuações e sinais matemáticos. Constituindo assim um novo sistema que leva o seu nome (CANEJO, 2005).

O sistema em braile permitiu que os deficientes visuais fossem alfabetizados, tornando-se grandes leitores e navegantes nesse mundo imaginário da leitura. Possibilitando a inclusão social desse público em diversos ambientes, já que a leitura é necessária em praticamente todas situações do dia-a-dia.

Figura 2 – Alfabeto em Braille



Fonte: CIVIAM, 2019.



arena pelos próximos 35 anos, conforme contrato de parceria público-privada (PPP) celebrada entre a concessionária e o Governo do Estado da Bahia em 2010.

No ano de 2013, a cervejaria Itaipava, do grupo Petrópolis, passou a assinar o nome da nova Arena de 'Itaipava Arena Fonte Nova' sob um contrato de patrocínio até o ano de 2023, num valor de 100 milhões de reais em 10 anos.

Esse foi o primeiro contrato de *naming rights* (direitos de nome) assinado para estádios da Copa. O contrato concede à Itaipava e outras marcas da empresa o direito de comercialização de seus produtos com exclusividade em todos os espaços comerciais do equipamento. Após a intenção de alterar o nome do estádio do ex-governador da Bahia e responsável por sua inauguração, Octávio Mangabeira para o da cervejaria houve muitas opiniões contrárias e ao final ficou decidido que o nome oficial será 'Complexo Esportivo Cultural Octávio Mangabeira'.

A Itaipava Arena Fonte Nova é um estádio de futebol que possui o mais moderno equipamento multiuso da Bahia, localizada em Salvador, na Ladeira da Fonte das Pedras, Nazaré. De acordo com a instituição, o estádio foi considerado pelos torcedores como o melhor da Copa 2014, trazendo uma estrutura inédita para o Estado, com potencial para receber partidas internacionais de futebol e grandes eventos esportivos, além de inserir a região no circuito dos shows internacionais e do turismo de negócios.

Nos primeiros meses de operação, a arena já foi palco de partidas de competições nacionais e internacionais, incluindo três disputas da Copa das Confederações 2013 e seis da Copa do Mundo 2014, com jogos de seleções como Uruguai, Nigéria, Itália, Brasil, Alemanha, Portugal, Espanha, Suíça e França. A Arena usa o modelo de gestão multiuso de sucesso na Europa, da Johan Crujff Arena, um dos maiores centros de lazer do mundo, casa do Ajax e parceiro na operação da nova arena baiana.

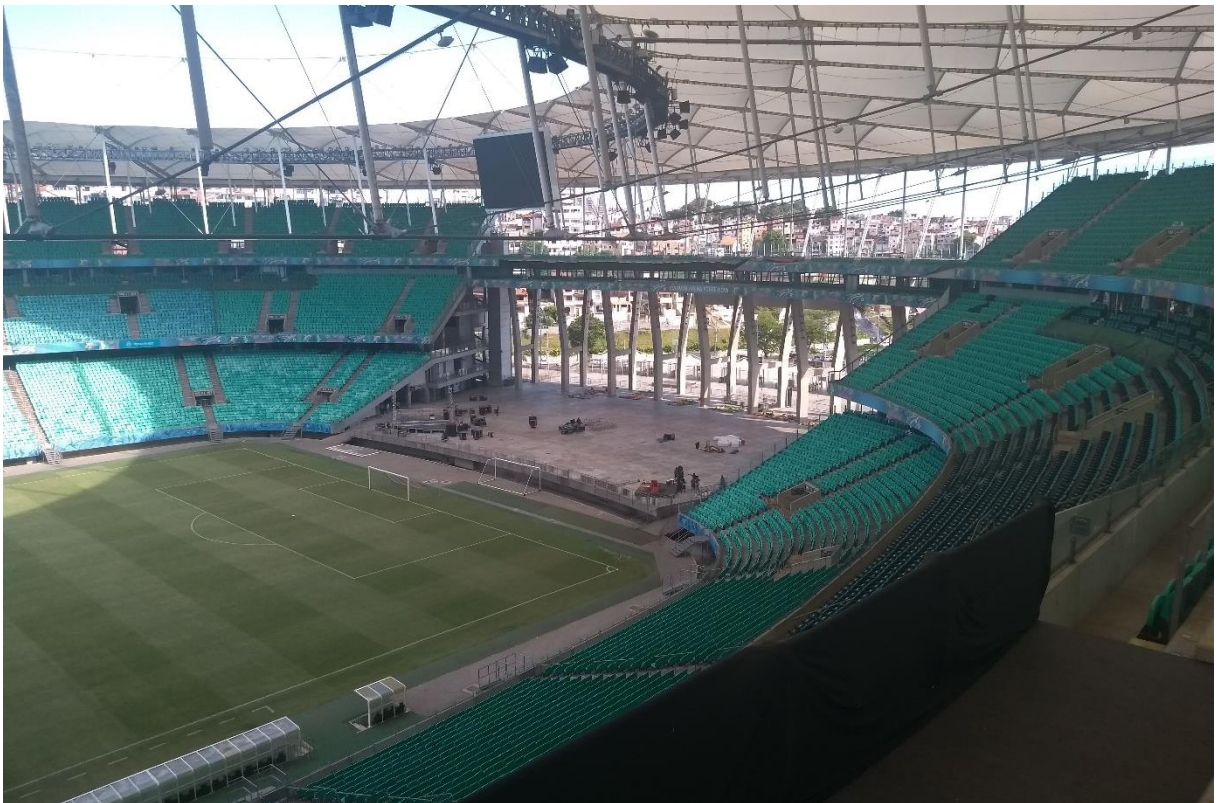
Segundo o site da Arena Fonte Nova, a Itaipava Arena Fonte Nova é a primeira arena no mundo a receber a Certificação Internacional de Qualidade ISSO 9001 do Sistema de Gestão para o Escopo de Construção de Arenas no Multiuso. Sendo a primeira arena do Brasil a conquistar a categoria prata no reconhecido sistema internacional de Certificação LEED (*Leadership in Energy and Environmental Design*), algumas das características que contribuíram para que a arena fosse considerada ecologicamente correta foram, a reutilização de 100% do concreto da antiga Fonte Nova, as brises da fachada que possibilitam ventilação e iluminação natural do local,

mas protegendo da radiação solar excessiva, captação de água da chuva da cobertura para o reuso em banheiros e irrigação do gramado e a utilização de lâmpadas de alto rendimento, que atende as normas internacionais de eficiência energética.

### 5.1 ESTRUTURA DA ITAIPAVA ARENA FONTE NOVA

A Itaipava Arena Fonte Nova é um complexo esportivo cultural com área total do terreno de 116 mil m<sup>2</sup>, sendo que a área da Arena é de 90 mil m<sup>2</sup> com a altura norte da Arena com 28 metros e a altura sul com 42 metros. No que se refere às características estruturais, a armação da Arena possui 5.200.000 Kg, como 45 mil m<sup>2</sup> de volume de concreto, estrutura metálica com 1.800 toneladas, 12 mil peças pré-moldados, 65 mil metros de estacas, membrana impermeável da cobertura com 28 mil m<sup>2</sup>, gramado com 9 mil m<sup>2</sup>, campo com 105m x 68m, com 10m de distância nas laterais e 12,30m nas linhas de fundo, em relação às arquibancadas, sistema de irrigação com 35 aspersores e com 70% total de fornecedores baianos.

Figura 4 – Estrutura da Arena Fonte Nova



Fonte: Fernandes; Oliveira 2019

Possui dois telões de 100m<sup>1</sup>de 578 polegadas com dimensões de 12,2m x 8,2m de alta resolução (superior à Full HD), com 281 trilhões de cores e com tecnologia SMD (que fornece imagens mais nítidas). Com capacidade para 50 mil pessoas em assentos cobertos, a Arena oferece 10 níveis e três anéis de arquibancadas, e segue os mais altos padrões internacionais. Une conforto, segurança e tecnologia, e em função da nova inclinação das arquibancadas, proporciona ao público maior proximidade com o espetáculo.

Conforme o site da Arena Fonte Nova, a arena conta também com 70 camarotes com capacidade total de 1.250 pessoas, aproximadamente 2 mil vagas de estacionamento, mais de 2 mil assentos Premium, sala de imprensa, 39 quiosques de alimentação, 10 elevadores, 94 sanitários, sendo que 23 banheiros são para adaptados, lojas, além de um centro cultural e de uma área de 1300m<sup>2</sup> com vista para o campo e para o Dique do Tororó. Além disso, pessoas com deficiência contam com rampas, elevadores e assentos reservados, possui piso tátil e atende aos deficientes visuais através de cabines de narração

Segundo a SETRE [?], a arena dispõe de 358 lugares para pessoas com mobilidade reduzida, 66 vagas para cadeirantes, além de 500 assentos para acompanhantes e outros 60 para obesos, 16 cadeiras para deficientes visuais, em uma área com piso tátil e acompanhamento de orientadores para a circulação segura. A Arena possui mais de 200 câmeras de segurança de alta definição e alcance, conta com um centro de comando e operações com tecnologia de ponta, o que auxilia as áreas de segurança, saúde e brigada de incêndio, a serem monitoradas permitindo atuação imediata.

Diante dessa estrutura, é importante salientar que a acessibilidade não abrange somente a estrutura física como também a interação social. Sendo assim, as autoras deste trabalho foram in loco para verificar se a Arena Fonte Nova realmente é acessível para os deficientes visuais.

## 6 IMPRESSÕES ACERCA DA ACESSIBILIDADE NA ARENA FONTE NOVA

As arenas multiuso procuram flexibilidade na sua estrutura, a fim de receberem jogos, shows, feira, competições e outros eventos. Motta (2012 *apud* Almeida, 2006), diz que: arena multiuso com enfoque puramente esportivo tem como a finalidade, exclusivamente, promover competições esportivas, tanto esportes coletivos como individuais, como futebol, basquetebol, voleibol, atletismo e artes marciais; já arena multiuso a ser utilizada tanto para eventos esportivos como para atividades de entretenimento (exemplo: shows musicais), atividades corporativas (exemplos: convenções empresariais e feiras de negócios) e celebrações religiosas. Ainda tem arena multiuso para fins de: esportes, entretenimento, negócios, comércio e cultura.

Este seria o modelo mais completo, por incluir todos os componentes e agregar atividades comerciais, como serviços de bares e restaurantes, lojas diversas, exposições fixas e itinerantes, dentre outras. Nota-se que o novo modelo de arena evoluíra conforme a demanda da sociedade, contudo, obteve mais visibilidade com relação a divulgação de empresas e patrocinadores. Além disso, as arenas ganharam um formato mais moderno e acessível ao público, principalmente para as pessoas com deficiência visual.

Com essa evolução, se faz necessário verificar o que a Arena Itaipava Fonte Nova possui em acessibilidade que possa atender o público de pessoas com deficiência visual. Para isso, segue-se como base as normas e leis mencionadas no capítulo 4, além de sugestões simples de medidas simples que podem ser tomadas para gerar conforto e autonomia as pessoas com deficiência visual.

### 6.1 PERCEPÇÃO DAS PESQUISADORAS A RESPEITO DA ACESSIBILIDADE NA ARENA FONTE NOVA

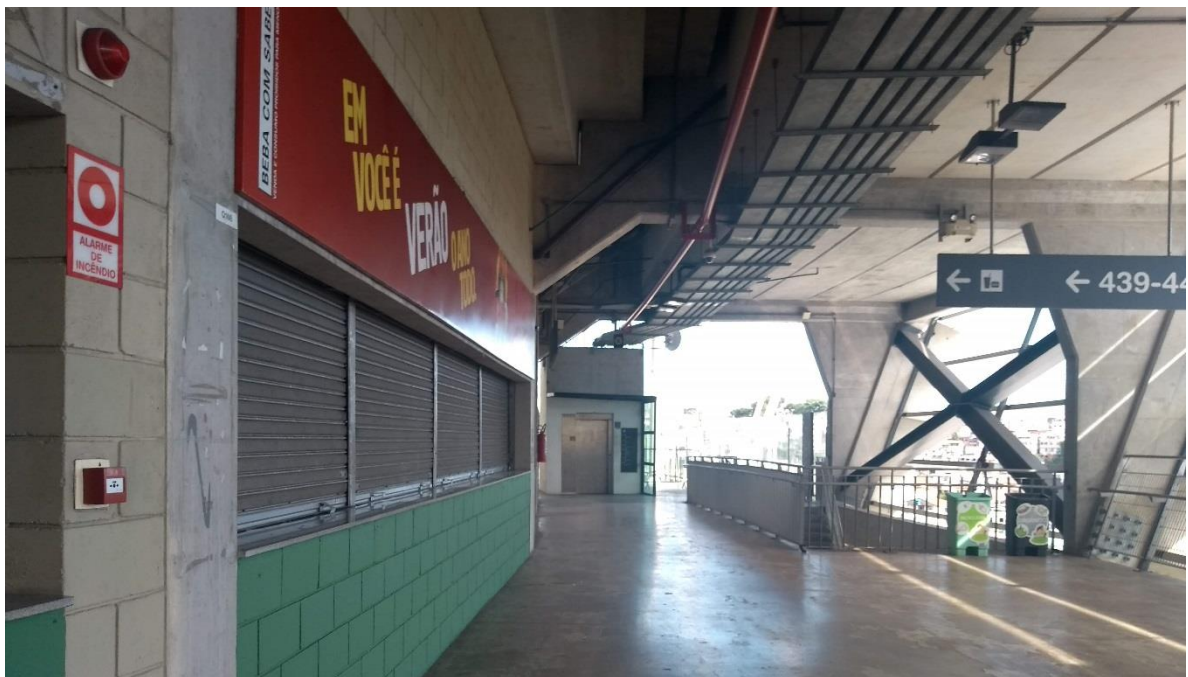
A Arena Fonte Nova cumpre precisamente com as normas de acessibilidade recentes, durante a visita realizada pelas autoras dessa monografia no dia 18 de dezembro de 2019, foram identificadas a existência de algumas necessidades de adequação para os deficientes visuais.

A visitação foi feita através do *tour* pago que a Fonte Nova possui todos os dias da semana das 9h até 16h, mediante acompanhamento de um funcionário do estádio. As áreas visitadas foram a entrada, o camarote, *lounge vip*, parte inferior e superior,

escadarias da arquibancada, elevadores, vestiário, departamento de acervo e pôr fim a parte do campo e a área dos bancos dos jogadores e juízes.

As lanchonetes estavam fechadas não sendo possível verificar se havia um cardápio em braile ou qualquer outro método para facilitar o uso dos serviços para uma pessoa com deficiência, já que na NBR9050 instrui sobre a comunicação feita por meio de caracteres relevo, braile ou figuras em relevo.

Figura 5 – Lanchonetes da Arena Fonte Nova



Fonte: Fernandes; Oliveira, 2019.

Conforme foi observado na visita, na entrada da Arena Fonte Nova, é possível notar algumas sinalizações como o piso tátil e corrimão, sendo que a pessoa com deficiência tem um portão preferencial de acesso, tendo autonomia de circular tranquilamente no acesso sul, que se localiza no início do estádio. Mas não é identificado o uso do símbolo internacional de pessoas com deficiência visual, apenas encontra-se o símbolo internacional de acesso que simboliza uma pessoa em uma cadeira de rodas. Este símbolo é utilizado para indicar que no equipamento em questão existem elementos acessíveis e utilizáveis por pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Figura 6 – Portaria da Arena Fonte Nova



Fonte: Fernandes; Oliveira, 2019.

Foi observado que em toda a área da arquibancada possui piso tátil para guiar e para sinalizar por haver muitos degraus em toda parte. Foi identificado o piso tátil como sinalização direcional e alerta e também foi visto alto falantes como sinalização sonora de emergência.

Figura 7 – Piso tátil na arquibancada e corrimão



Fonte: Fernandes; Oliveira, 2019.

Foi percebido a falta de muitos itens que poderiam facilitar a estada de um visitante com deficiência visual, tais como, a falta de cardápio em braile (informação passada pela guia e pelos entrevistados no capítulo 6.1), a falta de sinalização em braile em diversas áreas, falta de mapa tátil na entrada, falta de sinalização tátil no corrimão, falta de comunicação sonora nos elevadores, falta de sinalização tátil para guiar as pessoas com deficiência visual aos banheiros (informação passada por fotografia de colega não identificado) e a falta de assento preferencial para deficientes visuais.

A sinalização em braile só possui nos botões dos elevadores utilizados no momento da visita, que foram os elevadores da entrada que estão posicionados em um local com visibilidade e de fácil acesso, ao adentrar os portões é necessário dar uma pequena volta para o utilizar o elevador, mas o piso tátil ajuda a encontrar, mas como será relatado pelos entrevistados é difícil utilizar o piso tátil em meio à multidão.

Não foi possível verificar se havia cardápio em braile, mas conforme será mencionado nas entrevistas, as lanchonetes não possuem, essa seria uma forma de comunicação sugestiva, já que na NBR9050, instrui ao uso do braile como forma de comunicação ou até mesmo figuras em relevo.

Com relação aos banheiros, nos foi informado que as instalações não possuem identificação em braile e nem sonora, também percebemos a dificuldade de locomoção que o deficiente enfrenta para circular sozinho em alguns pontos do estádio, apesar de ter rotas desobstruídas, a distância entre um ponto a outro é um pouco grande. Em nenhum dos corrimões observados foi identificada sinalização em braile.

Com relação aos assentos destinados aos deficientes visuais, próximos a cabine de narração que o site da SETRE descreve, essa informação é desconhecida pela funcionária que guiou o *tour*, ou seja, o deficiente visual não tem assento preferencial e nem fone de ouvido. No entanto, as arquibancadas dispõem de piso tátil e corrimão, além de dispor de funcionários qualificados para atender os deficientes visuais e a conforme a Lei n.º 11.126, de 27 de junho de 2005, permite o ingresso de cão-guia.

Ainda assim, devido à falta de meios oportunos, não foi possível verificar as condições dos estacionamentos, lanchonete, banheiros e os demais elevadores. No entanto, foram entrevistadas duas pessoas com deficiência visual, frequentadores da

Arena Fonte Nova, que relataram as suas impressões acerca da acessibilidade no estádio, dando mais ênfase a esta pesquisa.

## 6.2 PERCEPÇÕES DOS DEFICIENTES VISUAIS A RESPEITO DA ACESSIBILIDADE NA ARENA FONTE NOVA

Foram entrevistados para essa pesquisa no dia 15 de janeiro de 2020, duas pessoas com deficiência visual que são frequentadoras da Arena Fonte Nova, Marcelo Cavalcanti Moita de 23 anos, jornalista, apaixonado por futebol, torcedor do Flamengo e Thiago Nascimento de 28 anos, torcedor sócio do Bahia e jogador de futebol.

Marcelo Moita é deficiente visual desde nascença, enquanto o Thiago Nascimento nasceu com catarata e miopia, tendo apenas 15% da visão até os 15 anos de idade, quando começou a perder a visão. Atualmente Thiago tem apenas a percepção de claridade, onde ele se classifica como B1/B2, enxergando apenas vulto. Como ele mesmo explica:

Eu tenho percepção de claridade que não adianta nada né, não adianta nada praticamente, você pode colocar que é vulto que se encaixa nesse padrão de B1- B2 né, que tem essa classificação B1 para quem não enxerga nada, B2 é para quem tem aquela baixa visão que consegue enxergar próximo e tem B3 que é aquele cara que consegue ver as coisas grandes e de longe.

O Marcelo Moita frequenta a Arena Fonte Nova desde a época em que era apenas o Estádio Octávio Mangabeira antes da sua demolição, já o Thiago é frequentador da Arena desde o ano de 2017, com a Arena já em seu modelo atual. A percepção dos entrevistados é bastante peculiar, por conta da diferença em suas vidas sociais, as informações tornam-se complementar a outra, o que sana completamente as dúvidas acerca de suas experiências na Arena Fonte Nova. Thiago Nascimento conta como foi sua primeira experiência na Arena Fonte Nova.

Eu frequento a arena Fonte Nova desde 2017, aquele primeiro jogo lá do Ba-Vi onde o Bahia ganhou de 4 a 1 do Vitória. Ali eu fui acompanhado né, com o pessoal do instituto que na época tinha conseguido uns ingressos com alguma parceria para a gente ir ali. A gente foi e ficou em um lugar especial em uma cabine especial. Só que depois eu tive na arena tanto só, quanto com amigos, porque eu sou sócio do Bahia, então, vou a alguns jogos do Bahia. No jogo mesmo Bahia e Grêmio que o Grêmio venceu por 1 a 0 que teve 43 mil pessoas na arena eu tava, tinha ido com amigos né, então, quando você vai com amigos tudo fica tranquilo, que o amigo praticamente ele vira sua visão, ele te guia te ajuda em tudo agora.

Quando questionados sobre o funcionamento do acesso a Arena Fonte Nova, Marcelo Moita relata a sua experiência na Arena, onde afirma nunca ter tido problemas. Marcelo diz:

Bom, em relação à acessibilidade nunca enfrentei problemas com isso, já fui em jogos da copa, jogos do Bahia, jogos até do próprio Flamengo lá contra o Bahia, em dois deles, três deles na verdade e sempre vou de metrô ou quando é jogo do Flamengo eu vou com o pessoal da embaixada de ônibus e tal, então, o acesso sempre foi muito tranquilo tanto nos jogos, tanto no único show que eu fui lá do Roberto Carlos em 2014

[...]

Fui de carro acho que duas vezes e não lembro se a gente parou fora e foi andando de lá, não lembro não, não lembro dessa informação.

Os entrevistados relatam suas experiências no que se refere à maneira como transitam no local, se vão a Arena, sozinhos ou acompanhados. Marcelo Moita diz:

Eu vou sempre acompanhado ou de um grupo de pessoas, quando vão em jogos do Flamengo eu vou para embaixada ou com um ou dois amigos normalmente, mas sempre acompanhado e sempre com as pessoas me auxiliando na locomoção lá dentro até pela multidão também pelo fato de ter muita gente

[...]

Já aconteceu a própria polícia militar quando vai fazer a revista me ajuda a passar, sempre foram muito solícitos mesmo quando eu vou de visitante, porque assim, normalmente o torcedor visitante, a polícia não gosta muito né, fica mais atenta e tal, mas por conta de briga de torcida e tal, mas nunca aconteceu nenhum episódio ruim não, sempre seguranças dentro do estádio e também fora.

Thiago Nascimento conta algumas de suas experiências na ida aos jogos na Arena Fonte Nova:

Quando eu fui só, eu saí do trabalho e fui de metrô, desci ali no Campo da pólvora e o segurança do metrô, ele me guia até na rua principal, aí depois ali da rua principal, eu fui descendo só, mas todas as vezes que eu tô indo para o jogo do Bahia, eu encontro alguém que não seja conhecido, a maioria das vezes que não é conhecido que eles sabem me pergunta se eu tô indo para Arena, aí eu falo que sim, eles me conduzem, porque mesmo que esteja pista tátil, no meio da multidão ninguém respeita a pista tátil, ser humano nenhum, na verdade, não tá respeitando sem multidão, se você for nos grandes centros nas grandes praças você vai ver que o pessoal não tá respeitando a pista tátil, principalmente em locais de show, de jogos onde tem um monte de gente e o que acontece, então. O pessoal não respeita, o que acontece? A gente acaba se virando do jeito que pode, as pessoas conduzem a gente, porque não tem como a gente seguir as pistas tátil, não tem como a gente usar os as áreas de prioridades e nada, quando conduzem a gente até a Arena Fonte Nova aí eles entregam ao segurança logo ali na frente, sempre um policial ou algum segurança que conduz a gente até o portão de acesso.

Abordamos a questão de consumo, se existe facilidade na compra de algum produto, cardápio em braile, sinalização para chegar à lanchonete e ambos tiveram respostas bem diferentes. O Marcelo Moita disse:

Não, nunca reparei, nunca perguntei.

[...]

Eu não consumo lá, porque chego para ver o jogo e acaba o jogo eu vou embora, não fico muito tempo lá e acho os produtos muito caros, especialmente a cerveja a 6 reais, acho muito caro para um estádio, para um ambiente que é popular, aí você pode dizer: ah não, mas o sócio do Bahia tem vantagem! Tá eles tem 50% de desconto, mas eu não sou torcedor do Bahia, não sou sócio do Bahia, então desconto não vale para mim é muito caro. Os produtos dentro do estádio têm que ser baratos, não podem ser muito caros por que o estádio uma coisa popular, futebol é um esporte popular.

Thiago Nascimento relata como ele faz para utilizar os serviços fornecidos pela Arena e se possui algo que facilite essa utilização:

Quando o jogo termina o primeiro tempo, eu peço licença vou até as escadas, subo, lá em cima sempre você encontra alguém querendo ajudar, aí você fala para onde quer ir, quero ir na lanchonete, a pessoa te guia até lanchonete, na lanchonete, a moça, o rapaz pergunta o que você quer e você pergunta o que tem, ela passa informação boca a boca não existe nada em Braile nenhum cardápio em Braile.

Foram também questionados, se existe algum benefício como desconto na compra de ingresso se é um ingresso específico, contendo algum benefício específico para pessoas com deficiência visual. Marcelo Moita respondeu com uma perceptível indignação em sua voz:

Tem, só que eu tenho que ir..., pra você ver como é uma burocracia até para isso, eu tenho que apresentar um laudo médico provando a minha deficiência e eu nunca, por exemplo, sempre preferi pagar inteira do que apresentar um laudo, do que passar por esse constrangimento, o negócio está na minha cara tá todo mundo vendo que eu não tô enxergando, nego me bota para pagar um laudo comprovando, rapaz é cada uma que a gente vê, eu fico p\*\*\* com isso viu sério mesmo. Ter que apresentar um laudo para comprovar um negócio que está na minha cara para que isso?" [...] "Com a apresentação desse laudo eu pago meia, então o preço é 140 reais [...] eu pagaria 70." [...] "O negócio está na minha cara, eu sempre saio com a bengala, sempre vou para lá com aquela bengalinha tá vendo e tem que comprovar um laudo para quê laudo se fosse uma deficiência mental cognitiva, tudo bem, ok, mas visual ou física que tá na minha cara ou na cadeira de roda uma bengala uma muleta ou enfim.

Thiago Nascimento fala sobre os benefícios que possui na compra de ingressos:

Não existe ingresso específico para uma pessoa com deficiência o que acontece, que você tem a prioridade de poder comprar na fila de prioridade e pagar mais barato que é 50% do valor só isso, fora isso é o ingresso comum.

Nessa pesquisa documental desse trabalho foi encontrada a informação no site da SETRE, sobre a existência de 16 assentos especiais para pessoas com deficiência visual, o que não foi visto na pesquisa de campo e que não estava sobre o conhecimento da guia dessa visita. Então, foi questionado aos entrevistados se os mesmos, já haviam utilizado de algum espaço reservado a deficientes visuais. Marcelo Moita conta:

Eu nunca vi, nunca fui nesse espaço, mas nessas novas arenas quando construíram para a Copa do Mundo tem, sempre tem né. Eu nunca fui, porque eu sou torcedor do povão, eu vou na massa mesmo, eu gosto de ficar no meio da “muvuca”, cantando fazendo “zuada”, então se tem, eu nunca, nunca passei.

Marcelo Moita não tem preferência por um lugar especial, pois prefere estar no meio da torcida. Já o Thiago Nascimento relata:

[...] “lá dentro você vai ficar sentado no meio de todo mundo. Não tem uma área apropriada para uma pessoa com deficiência, tem até para cadeirantes, para cadeirantes tem, mas para as outras deficiências não. Ele fica no meio do povo normalmente, então, se tiver na Arena, quer dizer, eu nunca fui apresentado e segurança nenhum e nem funcionários da arena me conduziu a essa área, então eles colocam a gente lá na cadeira que tá informando no nosso bilhete né e a partir daí geralmente as pessoas que estão do lado ali, percebe que a gente não enxerga e acaba nos ajudando assim que termina os jogos a sair”.

Marcelo Moita mencionou, ele normalmente não faz uso de banheiros, lanchonetes, outras áreas da Arena, pois como mencionou anteriormente, apenas vai ao jogo, “assiste” e vai embora. Já o Thiago Nascimento relata como faz uso dos outros espaços da Arena Fonte Nova.

Geralmente as pessoas que estão do lado ali percebe que a gente não enxerga e acaba nos ajudando, assim que termina os jogos a sair ou então ajuda a gente ir ao banheiro ajuda a gente ir à lanchonete e tudo é boca a boca sabe, tipo de vez em quando você está do lado de alguém que não se comunicou contigo então quando o jogo termina o primeiro tempo que eu peço licença vou até as escadas subo lá em cima sempre você encontra alguém querendo ajudar aí você fala para onde quer ir quero ir na lanchonete a pessoa te guia até lanchonete.

[...] banheiro a mesma coisa você tem que esperar aquele tumulto todo passar e você sempre acha alguém que te conduz é difícil você encontrar segurança alguma coisa assim que fique praticamente o período dos jogos com você, é o povo mesmo, é a multidão mesmo que te ajuda, então, tipo, se for para ver um lugar apropriado, que eu acho que era para existir um lugar apropriado, aquele lugar com um segurança quando se você algum lugar não tem, você é tratado como

um ser humano qualquer, na verdade somos um ser humano qualquer né, só precisamos de um pouco de atenção, essa atenção aí, a gente tem por parte do público, do povo mesmo, não pela Arena Fonte Nova

Ambos mencionaram ter ido a Arena Fonte em outro tipo de eventualidade que não fosse o futebol. O Marcelo Moita mencionou:

Fui apenas em show, que foi do Roberto Carlos em 2014, acessibilidade foi tranquila como sempre né, não teve muito problema não, fiquei no campo lá embaixo, desci as escadas e pronto, não teve muito mistério não.

Thiago Nascimento relata sua experiência na Arena Fonte Nova em outro tipo de evento, sem ser o jogo de futebol:

Estive na arena também para shows, mas foi pelo mesmo esquema eu tinha ido por um grupo com um grupo de pessoas aonde eu não conhecia, mas eu fui convidado na época para representar a galera do futebol, então, tipo eu fiquei no camarote também na área reservada, então, eles bancaram, tipo a minha ida, a minha vinda, então teve segurança já ali, já a minha espera. O segurança passou o período comigo todo da Arena e depois me colocou no carro para eu retornar para minha humilde residência, então para show mesmo sozinho assim show, show nunca fui só para jogos mesmo.

Thiago Nascimento ressalta a importância de conscientizar a população no que se refere as deficiências para que todos possam contribuir com acessibilidade:

É bom deixar uma coisa bem clara aí, que não tem como, em lugares movimentados a gente ter acesso as pistas tátil e aos lugares que pode ser fácil acesso para pessoa com a deficiência, por que o ser humano ele não respeita. Ele não sabe que o direito dele só começa quando do outro termina, então ele acaba dificultando, do que facilitando né, então, tipo eu acho que não é nem um problema da Arena Fonte Nova. Eu acredito que ela vazia ela no dia a dia, vazia, ela pode ser até uma arena apropriada para pessoa com deficiência, ter pista tátil ter toda a maneira de sinalização né, mas quando o povo começa a fazer o uso do espaço não é. Não dá para pessoa com deficiência fazer uso né, das pista tátil como eu falei não dá para fazer, não dá para gente seguir né, a pista tátil que pode conduzir a gente a qualquer lugar que a gente fique interessado, porque o ser humano mesmo ele para, fica em pé em cima, cria aquela multidão de gente, eles botam barraca eles fazem um monte de coisas e não tem fiscalização apropriada para isso.

É notável que ambos os entrevistados, são adaptados à maneira como a sociedade age e interage com eles, sendo totalmente dependente das outras pessoas para se locomovem tanto fora quanto dentro da Arena, e como relatam, isso não ocorre pela falta de acessibilidade, mas por não conseguirem utilizar as poucas medidas que são tomadas para que se tenham acessibilidade. Pois a população não foi ensinada a conviver com pessoas com deficiência. E aos que se sensibilizam acaba

sendo mais fácil ajudar guiando-os. E assim, não existe tanto a preocupação em tomar medidas que ajudem as pessoas com deficiência a terem autonomia.

Os entrevistados demonstram interesse em relatar suas experiências em detalhes para que as pessoas possam compreender as suas reais necessidades, porque apesar dos entrevistados possuírem a mesma deficiência, suas motivações e preferências são diferentes, assim como qualquer outra pessoa. Assim, como um dos entrevistados vai a Arena preparado apenas para 'ver' o jogo sem ter a vontade de fazer uso de outros espaços do equipamento. O outro entrevistado busca formas de fazer uso dos espaços, busca conforto, mas ambos não possuem autonomia e precisam da ajuda de terceiros para guiar até determinados locais.

Com base nas entrevistas, essa falta de autonomia incomoda os entrevistados, pois mencionam que preferem ir com amigos, pois indo sozinhos teriam que ter ajuda de desconhecidos, e por isso, em determinadas situações, aguardam que alguém ofereça ajuda.

Entrevista-los nos direciona a pensar em meios de proporcionar conforto, autonomia e segurança para as pessoas com deficiência visual no uso de equipamentos culturais, isso gera interesse em elaborar pesquisas mais profundas conforme a percepção das pessoas com deficiência visual de maneira que atenda às necessidades gerais e específicas da deficiência.

Em certo momento da entrevista, foi questionado aos entrevistados se havia cardápio em braile e dos entrevistados menciona ser interessante um cardápio em braile, mas que não havia cardápio na Arena. E com isso, podemos notar que nem mesmo as pessoas com deficiência visual sabem exatamente quais são todas as medidas possíveis para fazer de um ambiente, acessível.

Com isso, por meio das observações foram relatadas medidas que podem facilitar o acesso a pessoas com deficiência visual e até mesmo surpreendê-las, pois por não terem acesso a esse tipo de medida, acaba sendo para eles um presente. Por fim, alinhar a observação com as experiências faz com que as informações se completem, o que não foi visto na observação de campo, foi relatado pelos entrevistados.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acessibilidade é um fator bastante relevante para garantir a inclusão social das pessoas com deficiência visual nos estádios. No entanto, observou-se que a Arena Fonte Nova teve preocupação em projetar um ambiente acessível na sua reconstrução, tendo avançado consideravelmente na tentativa de oferecer melhores condições de inclusão social. Porém, essa preocupação é relativamente mediana, quando analisadas todas as dimensões da acessibilidade.

É notável a utilização de normas e leis que atendem a acessibilidade no geral, tais como, as placas de sinalização, rampas, piso tátil, corrimão, elevadores com sinalização em braile, elementos dispostos nas normas e leis de acessibilidade, mas foi esquecido as necessidades específicas de cada deficiência.

Apesar de todo avanço legal e social acerca da acessibilidade na Arena Fonte Nova, isso não é o suficiente para garantir a autonomia de pessoas com deficiência visual em todos os acessos do estádio.

Por esse motivo, foram observados algumas falhas que podem ser corrigidas, tendo como base para correção, os próprios usuários com deficiência visual, pois mesmo que se atenda a maioria dos requisitos para um local acessível, a otimização do serviço e a verificação de erros, só podem ser de fato percebidas mediante as considerações dos usuários.

Também é perceptível que os entrevistados têm pouca noção do que realmente significa acessibilidade, no que se refere ao conceito se corretamente aplicado a prática. Porque a acessibilidade gera autonomia e mediante as entrevistas, eles relatam que precisam da ajuda de terceiros para diversas tarefas, como entrar na Arena e sair dela. Fica claro, que para os entrevistados conseguir estar no local que desejam e transitarem por ele, independente da maneira que seja, é ter acessibilidade.

A acessibilidade se trata basicamente de ser um ato que facilita o acesso a todas as pessoas em todos os lugares, sem que necessite da ajuda de outrem. Além de proporcionar segurança ao usuário, e nesse sentido, os entrevistados não demonstram sentir insegurança no local, pelo contrário, eles se sentem seguros e entusiasmados pela atividade que foram fazer, ainda que, não se tenha um local onde possam ouvir melhor o jogo.

Chega-se à conclusão de que a Arena Fonte Nova, segundo as normas e leis de acessibilidade, não é um equipamento cultural acessível as pessoas com deficiência visual, pois os mesmos ainda enfrentam dificuldades.

Cabe ressaltar que a limitação de acesso obtida na observação de campo em alguns espaços como banheiro e lanchonete, não afetou o desenvolvimento da pesquisa e nem impediu que o objetivo fosse alcançado. Sendo assim, esse trabalho traz a caracterização da acessibilidade para pessoas com deficiência visual numa arena multiuso, como a Itaipava Arena Fonte Nova.

Diante disso, sugere-se o planejamento e implantação de medidas e projetos mais efetivos que busquem proporcionar mais conforto e independência as pessoas com deficiência visual, tais como: mapa tátil na entrada da arena; sinalizações em braile e sonora; pisos táteis em toda área arquitetônica do estádio; cardápio em braile; assentos reservados; fones de ouvido com narração especial e seguir cautelosamente a norma NBR 9050 da ABNT. Dessa maneira, a pesquisa pode ser concluída, mas sempre haverá espaços para inserir mais informações e fazer novas descobertas, visando a melhoria desse estudo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lanna Kelle Dos Santos. **Arena multiuso: um estudo de caso sobre eventos na arena fonte nova**. Faculdade de Comunicação, UFBA, Salvador, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos – Rio de Janeiro, 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15287**: Informação e documentação – Projeto de Pesquisa – Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023**: Informação e documentação – Referências – Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

\_\_\_\_\_. **NBR 14724**: Informação e documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

ARENA ITAIPAVA FONTE NOVA. Disponível em: <https://www.itaipavaarenafontenova.com.br/>. Acessado em: 29 de abril de 2019.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 4.ed. Campinas: Papirus, 1998.

BATTISTELLA, Linamara Rizzo. **Conceito de deficiência segundo a convenção da ONU e os critérios da CIF**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/274.pdf>. Acesso em 22 de janeiro de 2020.

BLOG IBAHIA. Arena Fonte Nova e os antecedentes dos estádios de Salvador. Disponível em: <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/memoriasdabahia/2013/04/03/arena-fonte-nova-e-os-antecedentes-em-materia-de-estadios/>. Acessado em 21 de janeiro de 2020.

BRASIL, Presidência da República Secretaria Geral Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da pessoa com deficiência)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em 15 de setembro de 2019.

\_\_\_\_\_. **DECRETO Nº 5.904, DE 21 DE SETEMBRO DE 2006.** Regulamenta a Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005, que dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhada de cão-guia e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5904.htm). Acesso em 22 de janeiro de 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Grafia Braille para a Língua Portuguesa / elaboração: Cerqueira, Jonir Bechara... [et al.]**. Secretaria de Educação Especial. Brasília: SEESP, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/grafiaport.pdf>. Acesso em 22 de janeiro de 2020.

BRASIL, Ministério das Cidades. **Brasil acessível. Programa brasileiro de acessibilidade urbana.** Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1310575448BrasilAcessivelCaderno05.pdf>. Acesso em 11 de fevereiro de 2020.

CANEJO, Elizabeth. **..ΑΠΟΣΤΙΛΑ ..ΒΡΑΙΛΛΕ. Apostila - Introdução ao Sistema Braille.** FAETEC - FUNDAÇÃO DE APOIO À ESCOLA TÉCNICA, 2005. Disponível em: <http://www.lapeade.com.br/publicacoes/documentos/Apostila%20Braille.pdf>. Acesso em 12 de fevereiro de 2020.

CASTRO, Claudio de M. **Estrutura e apresentação de publicações científicas.** São Paulo: McGraw-Hill, 1976.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural.** São Paulo: Iluminuras, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

IBGE. Instituto de Geografia e Estatística. **Pessoas com deficiência.** 2010. Disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em 23 de agosto de 2019.

JUSBRASIL, **Conectando pessoas à justiça através de advogados e informação jurídica**. Decreto nº 5.904 de 21 de Setembro de 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Projetos e relatórios de pesquisa**. In:

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEI DE ACESSIBILIDADE. **Decreto-lei nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004**, Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm). Acesso em: 17 de março de 2019.

LEI DO CÃO GUIA. **Lei nº 11.126, de 27 de junho de 2005**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm). Acesso em: 17 de março de 2019.

LIMA, Elandria da Silva Gomes Pereira. Mapeamento da acessibilidade do portador de deficiência visual em uma policlínica em uma cidade da região Norte de Santa Catarina. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina: Joinville, 2014. Disponível em: <http://joinville.ifsc.edu.br/~bibliotecajoi/arquivos/tcc/gh2013/123622.pdf>. Acesso em 11 de fevereiro de 2020.

MEC, Ministério da Educação. **Deficiência Visual: Marta Gil (Org.)**. Brasília: Ministério da Educação a Distância, 2000.

REIS, Rosana Santana dos. Acessibilidade a edifícios históricos de interesse turístico por pessoas com mobilidade reduzida: um estudo de exemplos representativos situados na rota acessível do Centro Histórico de Salvador. Salvador, Bahia: UFBA (Faculdade de arquitetura e urbanismo, programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo), 2015.

RICHARDSON, Roberto. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **TERMINOLOGIA SOBRE DEFICIÊNCIA NA ERA DA INCLUSÃO**. 2002. Disponível em:

[https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/TERMINOLOGIA\\_SOBRE\\_DEFICIENCIA\\_NA\\_ERA\\_DA.pdf?1473203540](https://acessibilidade.ufg.br/up/211/o/TERMINOLOGIA_SOBRE_DEFICIENCIA_NA_ERA_DA.pdf?1473203540). Acesso em 21 de janeiro 2020.

SETRE, Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte. Arena Fonte Nova. Disponível em: <http://www.setre.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=197>. Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 2. Ed. Ver. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

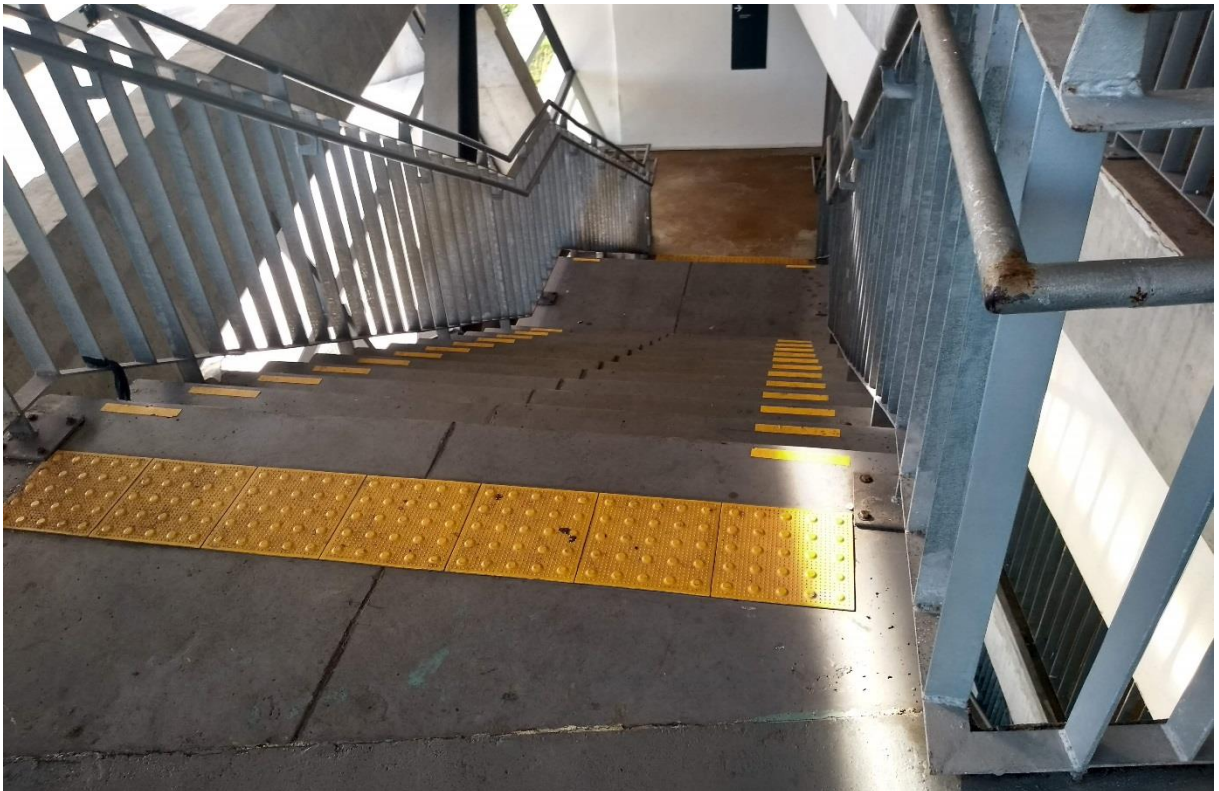
SILVA, Maria Isabel da. **Por que a terminologia "pessoas com deficiência" ?**. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.selursocial.org.br/porque.html>. Acesso em 21 de janeiro de 2020.

TORRES, Josiane Pereira; SANTOS, Vivian. **Conhecendo a deficiência visual em seus aspectos legais, históricos e educacionais**. 2015.

## APÊNDICE A - FOTOS



Entrada da Itaipava Arena Fonte Nova



Piso tátil e corrimão nas escadas



Cabines de narração



Camisas de seleções



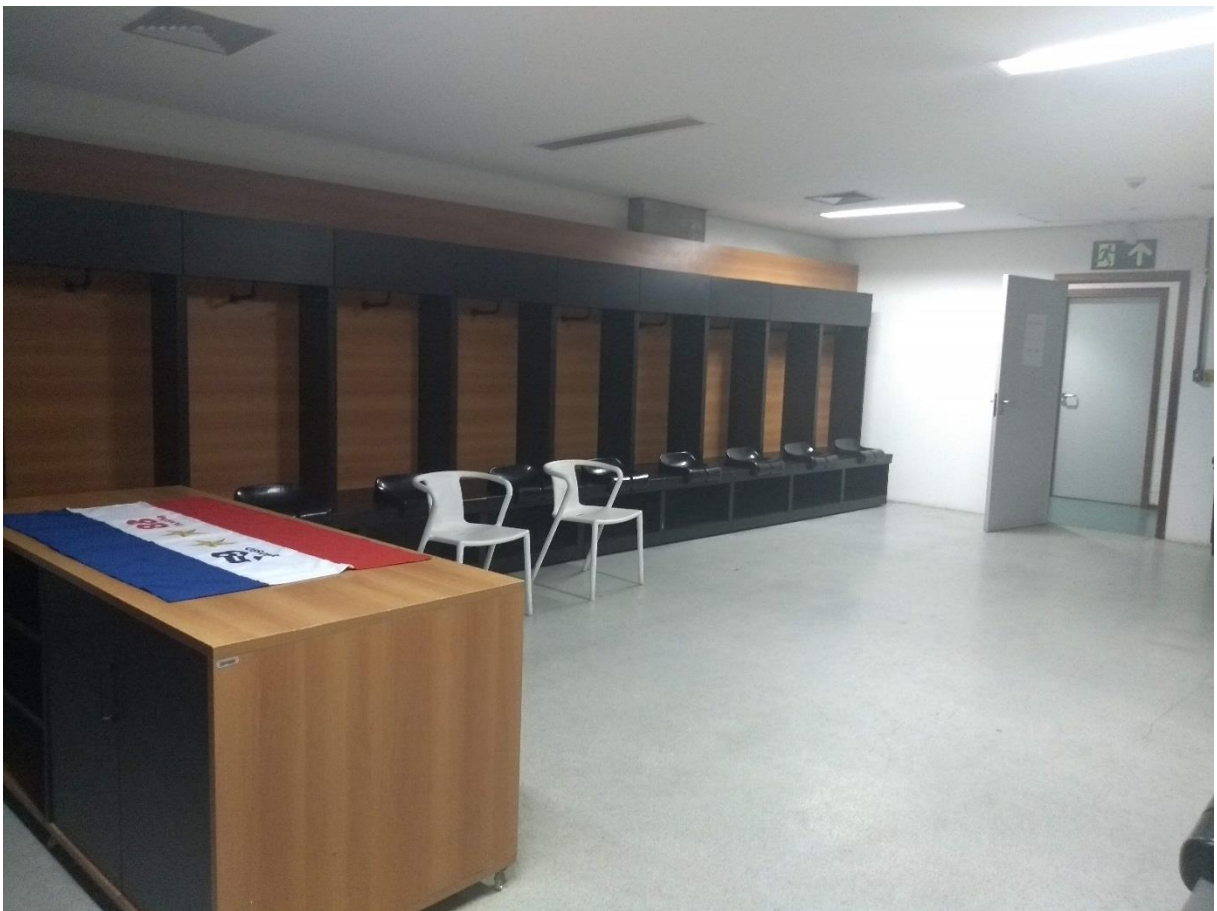
Arquibancada do camarote



Sala de reunião



Notícias sobre a Arena Fonte Nova divulgadas no jornal 'A tarde'



Vestiário

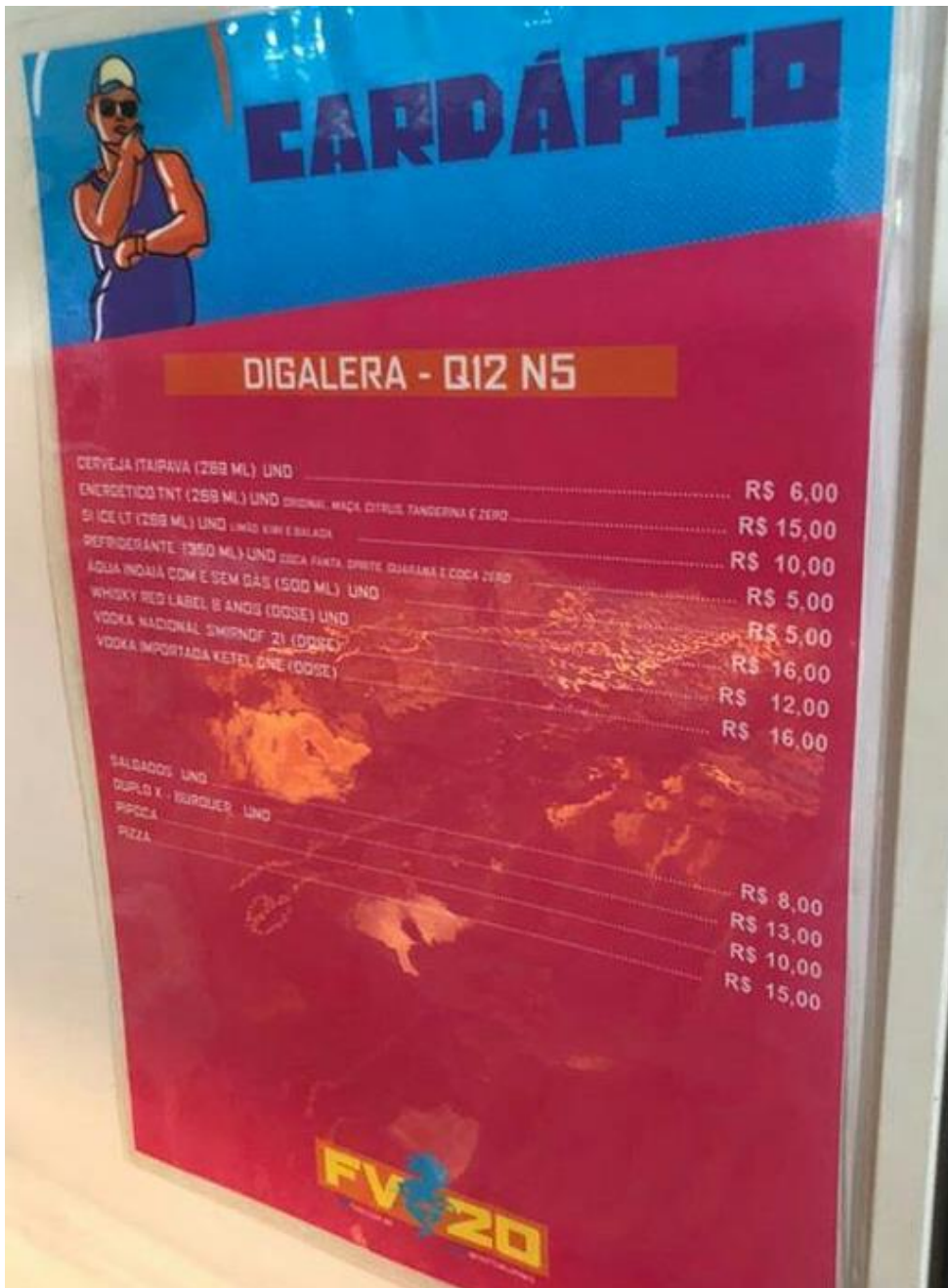


Camarote

## APÊNDICE B - ENTREVISTA

1. Se apresente com nome, idade, profissão e desde quando possui a deficiência visual?
2. Desde quando frequenta a Arena Fonte Nova, em que ocasião foram lá e se são frequentadores do local?
3. Como foi o acesso a Arena Fonte Nova, desde a ida, no que se refere ao meio de transporte utilizado, se foi acompanhado e como se faz para transitar na Arena?
4. Referente ao consumo, você faz uso da lanchonete, possui cardápio em braile, sinalização que indique onde é a lanchonete e te guie até lá?
5. Quais são os benefícios que uma pessoa com deficiência visual possui? Tem ingresso difere? Descontos?
6. A Arena possui cadeiras específicas para quem possui deficiência visual? Fones de ouvidos ou um local que possam ter uma acústica melhor?
7. Como você faz quando quer usar o banheiro, ir a lanchonete, enfim, transitar pela Arena? Você consegue sozinho ou precisa de ajuda?
8. Você já foi a Arena em algum outro tipo de evento sem ser jogo de futebol? Como foi sua experiência?

## ANEXOS



**CARDÁPIO**

**DIGALERA - Q12 N5**

CERVEJA ITAIPAVA (269 ML) UNO	R\$ 6,00
ENERGETICO TNT (269 ML) UNO ORIGINAL, MAÇA, CITRUS, TANGERINA E ZERO	R\$ 15,00
SI ICE LT (269 ML) UNO UNO VIBE E BALADA	R\$ 10,00
REFRIGERANTE (350 ML) UNO CACA PAUTA, DRYTE, QUAGAMA E CACA ZERO	R\$ 5,00
ÁGUA INODORA COM E SEM GÁS (500 ML) UNO	R\$ 5,00
WHISKY RED LABEL 8 ANOS (DOSE) UNO	R\$ 16,00
VODKA NACIONAL SMIRNOFF 21 (DOSE)	R\$ 12,00
VODKA IMPORTADA KETEL ONE (DOSE)	R\$ 16,00
SALGADOS UNO	R\$ 8,00
DUPLO X - BURGUER UNO	R\$ 13,00
PIZZA	R\$ 10,00
PIZZA	R\$ 15,00

**FV 20**

Cardápio



Entrada de um dos banheiros



Entrada do banheiro



Entrada do outro banheiro